

A formação profissional em Ciência da Informação
em Portugal: desafios e perspectivas

Fernanda Ribeiro, Maria Aparecida Moura

A formação profissional em Ciência da Informação em Portugal: desafios e perspectivas

Fernanda Ribeiro

Doutora em Ciências Documentais pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Maria Aparecida Moura

Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Professora Titular da Escola de Ciência da Informação.



Fernanda Ribeiro, atual diretora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é licenciada em História pela Faculdade de Letras da mesma Universidade, detentora de um diploma do Curso de Bibliotecário-Arquivista pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e doutora pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É atualmente professora Catedrática do Departamento de Jornalismo e Ciências da Comunicação, foi presidente do mesmo departamento entre fev. 2010 e set. 2014. A professora dedica-se a pesquisas relacionadas à

organização e representação da informação, acesso e recuperação, especialmente em arquivos, e a questões teóricas e metodológicas da Ciência da Informação, bem como a formação profissional nesta mesma área.

Na ocasião da preparação do XVIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU 2014), realizado em Belo Horizonte, a pesquisadora que atuou no evento como observadora internacional, concedeu entrevista à Revista Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas (RBU).

Maria Aparecida Moura - Quais que são as atuais tendências de estudos na Ciência da Informação em Portugal?

Fernanda Ribeiro - Portugal foi talvez o país da Europa que mais cedo teve formação universitária na área, desde 1911. Portanto, há mais de um século, mas até 1982 havia um único curso na Universidade de Coimbra. Era chamado curso superior de Bibliotecário Arquivista e muito voltado para as bibliotecas públicas, para os arquivos históricos com uma formação muito erudita e tradicional. Em 1983 começou um novo modelo de formação que foi chamado de especialização em Ciências Documentais. Essa especialização durou trinta anos e era uma pós-graduação. As pessoas poderiam ter uma graduação em qualquer área de conhecimento, a saber: Ciências, Letras, História, Filosofia ou Literatura. A formação oferecida era uma espécie de formação profissional, sem atribuir um grau acadêmico. Em de 2001, portanto, começou a haver graduação em Portugal. Foi na Universidade do Porto que começou a graduação com o nome de Ciência da Informação. A partir do momento em que essa graduação teve início, deixou de haver aquela separação rígida entre a Biblioteconomia e a Arquivologia. É uma formação integrada que tem a tradicional em bibliotecas, arquivos e tecnologia. Na Universidade do Porto a graduação é conjunta, sob a responsabilidade da Faculdade de Letras e da Faculdade de Engenharia. Conforme dizemos, trata-se de uma “formação de banda larga” que prepara profissionais da informação para qualquer contexto, sejam para bibliotecas públicas, arquivos, mas também serviços na *web* e para empresas. Quando começou, em 2001, tinha a duração de quatro anos. Em 2007, com o processo de Bolonha, essa graduação teve que passar a ser apenas de três anos. Havia um compromisso na Europa, entre os vinte e nove Estados europeus para podermos ter uma formação que é reconhecida em qualquer país. Em 2008, começamos a ter um mestrado

também em Ciência da Informação, que é uma formação mais especializada, mais aprofundada. O objetivo é formar essencialmente gestores da informação, porque a maior parte dos nossos estudantes, cerca de 90% irá trabalhar no setor privado

Maria Aparecida Moura - E qual é o nível de empregabilidade dos alunos oriundos da formação em Ciência da Informação?

Fernanda Ribeiro - Atualmente, quase não há oferta de emprego na administração pública. Eles terminam o curso e rapidamente são contratados pelo setor privado. Nós temos um Observatório de Ciência da Informação, que foi feito pelos estudantes ao longo dos anos, onde estão registrados todos os graduados com todos os locais onde eles trabalham. Temos uma espécie de monitoramento desta área. É possível a partir daí ver as empresas onde eles trabalham, as funções que desempenham, número de estudantes que saem todos os anos.

Maria Aparecida Moura - Considerando esses estudos que você vem realizando, há alguns anos, sobre os processos de formação e as mudanças que têm sido observadas, que alterações você acredita que devem ser efetivadas em termos de modelo formativo?

Fernanda Ribeiro - Uma das coisas que me parece muito importante no modelo formativo é em relação às bases teóricas que serão ofertadas, porque a graduação forma as pessoas para vida inteira. Nós temos uma formação de base que nos marca para sempre. É por isso que as pessoas antigamente tinham, por exemplo, uma graduação em História, e depois iam fazer a pós-graduação em Biblioteconomia ou em Ciências Documentais. Na verdade, nunca deixavam aquela matriz original da História, com aquela perspectiva muito antiquada e aquela formação de pós-graduação era, digamos, uma formação técnica. Hoje na graduação, os nossos estudantes têm uma formação teórica muito mais sólida. E nós, aqui no Porto, insistimos bastante nisso. Procuramos oferecer uma formação universitária bastante profunda e o mais rica possível do ponto de vista teórico. Eu acho que isso é fundamental para termos uma nova geração já com uma formação de base completamente diferente.

Maria Aparecida Moura - O que é imprescindível em termos da formação do profissional da informação na atualidade?

Fernanda Ribeiro - Nós oferecemos uma formação de base que tem fundamentalmente suporte entre as áreas, tanto a Ciência da Informação como núcleo fundamental, mas depois complementada com alguma formação em gestão e com uma formação em tecnologias. Evidentemente, não somos com algumas Ciências Sociais, nós, por exemplo, temos disciplinas na graduação que são História da Cultura, História da Administração Pública, porque qualquer graduado em Ciência da Informação, se vai trabalhar para Administração Pública, tem que ter algumas noções de gestão, que nos parece bastante fundamental. Eles têm uma formação de base com Fundamentos em Gestão e no terceiro ano já têm uma disciplina específica de Gestão dos Serviços de Informação, porque muitos deles vão estar de fato em alguns locais em que atuarão com gestores da informação, eles têm minimamente que ter essas bases. Esses são os aspectos transversais. Depois, no mestrado, eles podem se especializar na vertente mais tecnológica, na questão dos *business intelligence*, das auditorias de informação, aquelas questões que hoje começam a ser fundamentais no mundo empresarial. Porque nós temos a percepção de que é nesses setores que eles vão ter emprego, por isso têm que enfrentar esses novos desafios.

Maria Aparecida Moura - Quais têm sido os principais desafios em realizar a formação acadêmica envolvendo as áreas de bibliotecas, arquivos e tecnologia?

Fernanda Ribeiro - Nós temos uma relação muito próxima com os colegas da tecnologia e desde o início ofertamos aulas nas duas faculdades, dois dias por semana na Faculdade de Letras e dois dias por semana na Faculdade de Engenharia. Ao nível da investigação, o doutoramento, que temos também desde 2008, chama-se Informação e Comunicação em Plataformas Digitais e também procura agregar a área da Ciência da Informação, Ciências da Comunicação e a Tecnologia.

Maria Aparecida Moura - Na grade curricular da graduação há uma previsão de estágios e vivências nos locais de trabalho?

Fernanda Ribeiro - Quando a graduação começou em 2001 até 2007, quando a formação era de quatro anos, no último ano tinha seis meses de estágio numa instituição fora da Faculdade. Eles iam seis meses trabalharem em uma empresa, um município ou uma biblioteca universitária. Era um trabalho de estágio, durante seis meses, que contava com um orientador na instituição e outro na Universidade. No fim do estágio, apresentavam um relatório que era discutido com uma banca em provas públicas. Quando o curso passou para três anos, deixou de ser possível, porque se mantivéssemos o estágio as pessoas ficariam somente com dois anos e meio para a formação e isso era pouco. O que nós passamos a ter no mestrado foi a possibilidade de eles fazerem a dissertação como um projeto numa empresa. Em 2014, fizemos uma ligeira alteração na graduação e no último ano da formação, uma disciplina com uma carga horária maior dedicada a projetos quando eles poderão ter uma disciplina com doze créditos, onde já vão ter alguma iniciação à prática profissional.

Maria Aparecida Moura - O que é o modelo poliédrico de formação profissional?

Fernanda Ribeiro - O modelo poliédrico foi um modelo mais teórico, no sentido de nós podermos ofertar em todos os ciclos de formação sempre mesmo modelo formativo, no sentido de que aquilo que é nuclear é a Ciência da Informação e depois tem áreas complementares da Gestão, da Tecnologia, da História, da Sociologia. Em Portugal, durante alguns anos, havia uma formação ao nível de escolas profissionais e do ensino secundário. Quando desenvolvemos esse modelo, tínhamos em vista que, no ensino secundário, a formação profissional também seguiria, mais ou menos, a mesma concepção da formação universitária, até para que eles pudessem ter uma continuidade de estudos. O que acontece é que de fato, aqui em Portugal há cinco anos, o Ministério da Educação parou com essa formação no ensino secundário. Atualmente não existe. Assim, o nível mais baixo de formação é a graduação. A formação profissional está completamente parada, não há oferta de cursos. Na verdade, na prática nós não temos um modelo a funcionar em todos os níveis, porque o nível mais baixo não existe. Então, o modelo poliédrico começa na graduação, mestrado e depois o doutorado.

Maria Aparecida Moura - Qual é o impacto do modelo poliédrico na formação?

Fernanda Ribeiro - Os componentes tecnológicos, científicos e de gestão estão todos presentes na formação proposta.

Maria Aparecida Moura - Que pesquisas a senhora tem desenvolvido atualmente?

Fernanda Ribeiro – Recentemente, fui eleita diretora da Faculdade de Letras e nos próximos quatro anos os meus projetos de pesquisa, acho que, vão ser outros. E eu trabalhava muito na área da organização da informação com as questões do acesso à informação, da organização da informação. Os primeiros projetos tinham a perspectiva ligada aos arquivos. O último projeto de investigação em que eu participava com os colegas do Centro de Investigação CETAC. MEDIA (Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação). Era um projeto voltado para a criação de comunidades *online* para os públicos *seniors*. O meu contributo foi relativamente diminuto, porque foi mais nas questões da organização da informação, para depois desenvolverem plataformas para a interação com os *seniors* através de um componente mais tecnológico. Eu também estou envolvida em algum trabalho relacionado à questão do currículo, da formação profissional no âmbito das *information schools*, das *iSchools*. Recentemente, a Ciência da Informação na Universidade do Porto, por intermédio da FLUP e da FEUP, é membro das *iSchools*. Estou em alguns projetos internacionais voltados essencialmente para o desenvolvimento curricular dos modelos de formação.

Maria Aparecida Moura - Vocês desenvolvem projetos envolvendo os professores dessas Faculdades?

Fernanda Ribeiro - Não tanto como nós gostaríamos. Já tivemos dois projetos de investigação envolvendo pessoas das duas áreas. Nos últimos anos, os projetos que temos desenvolvido são através do nosso Centro de Investigação CETAC. MEDIA (Centro de Estudos das Tecnologias e Ciências da Comunicação). O Centro tem dois pólos, um na Universidade do Porto, na Faculdade de Letras, e outro na Universidade de Aveiro. Através do Centro, temos bastantes trabalhos de investigação, por exemplo, na área da literária, na área do desenvolvimento das tecnologias, para as comunidades *seniors*, do jornalismo *online*. Há uma série de projetos que

não estão tão diretamente ligados com a graduação e com o mestrado, mas, sobretudo, com o curso do doutoramento.

Maria Aparecida Moura - Em sua opinião, considerando as mudanças tecnológicas, quais são os principais desafios para a atuação dos bibliotecários?

Fernanda Ribeiro - As bibliotecas universitárias, eu penso que elas, cada vez mais, têm que apostar na vertente da comunicação. Porque aquele componente mais tradicional universitário, com a leitura presencial, hoje, está praticamente esgotado. Porque os nossos professores, investigadores e os alunos de pós-graduação veem a biblioteca universitária como um repositório de informação, onde eles querem um acesso rápido, do que propriamente um local de trabalho e de estudo. Portanto, eles podem usar a biblioteca sem ter que ir até lá, eu acho que é isso. Claro que isso nós coloca desafios, porque é preciso que as pessoas encarem essa perspectiva do acesso, do que aquela perspectiva custodial, que durou muitos anos. E ainda, as bibliotecas hoje têm uma ameaça muito grande, o *Google*. Porque a informação que está no *Google* é muito mais rápida, embora não tenha a qualidade daquela que é tratada pelos bibliotecários. Eu acho que, cada vez mais, a aposta tem que ser de fato no fornecimento de informação de qualidade, e é isso que faz a diferença, pois se for pra encontrar qualquer coisa, a biblioteca não será necessária.

Maria Aparecida Moura - Qual que é a percepção que os alunos têm em relação a essa mudança de paradigma?

Fernanda Ribeiro - Eu acho que os alunos da graduação percebem muito, porque nós antigamente tínhamos estudantes na pós-graduação que já trabalhavam em bibliotecas e em arquivos, vinham fazer a especialização. E vinham, digamos um bocadinho formatados naquela lógica mais tradicional. E os atuais, como entram na graduação com dezoito anos, não têm ainda nenhuma formação prévia. Portanto, eles são preparados por nós, já nesta lógica pós-custodial. E não há, digamos, aquele choque como se sentia anteriormente. Eu acho que para estes, hoje, isso já é tudo muito natural, porque eles já nem conheceram muito as bibliotecas tradicionais. Fizeram todo o seu ensino secundário, , aliás, sem usar biblioteca nenhuma e chegam ao ensino

superior e entram nessa lógica da informação digital e não se nota essa questão da mudança de paradigma, porque eles já estão verdadeiramente no novo paradigma.

Maria Aparecida Moura - E como é que a senhora avalia as mudanças no campo da organização da informação?

Fernanda Ribeiro - Eu tenho alguns estudantes de doutoramento que oriento e que estudam como os cidadãos comuns, podem contribuir através de plataformas. De que modo podem atribuir meta-informação, através das folksonomias e de plataformas interativas para, de alguma forma, essa atuação poder melhorar o acesso à informação. Na medida em que isso vai potencializar, ou não, um melhor acesso.

Maria Aparecida Moura - Como se dá a organização do Observatório da Ciência da Informação?

Fernanda Ribeiro - Há uma professora que é responsável pelo Observatório (ver detalhes no box) e tem sempre dois ou três estudantes da disciplina de Gestão da Informação que se responsabilizam por fazer a atualização. Desse modo, o Observatório tem se mantido com a informação sempre atualizada.

Maria Aparecida Moura - Quais são os ganhos que você percebe da interação entre o Brasil e Portugal no campo da Ciência da Informação?

Fernanda Ribeiro - Eu acho que os ganhos são muitos mesmo. De fato, a Universidade do Porto, que eu acho que é a Universidade que tem mais relações com o Brasil nesta área. Penso que nós temos uma rede, uma verdadeira rede de parceiros em universidades brasileiras. Temos, se não me engano, quinze convênios com universidades brasileiras e todos eles têm resultados. Temos uma relação continuada com trabalhos de várias pessoas na área e as relações da Medicina com a Ciência da Informação. E isso tem dado frutos, produção científica. Todos os congressos que realizamos em parceria, fizemos publicações, há estudos que têm mantido as

peças ligadas em projetos comuns. Na área da Medicina, pesquisadores portugueses e brasileiros estão fazendo projetos que envolvem pessoas de Portugal e do Brasil. Outra área que também tivemos vários encontros e que está bastante ativa, é com o Direito, por causa das questões dos direitos do autor, da propriedade intelectual realizada em parceria com a Federal Fluminense. Com outras universidades brasileiras, por exemplo, com a USP também a relação de parceria é bastante antiga. Eu acho que isso, de fato, aproxima muito as comunidades. Aliás, os congressos que fizemos aqui, em 2013, a presença do Brasil foi enorme.

Observatório de Ciência da Informação (OCI)



O Observatório de Ciência da Informação é um projeto concebido e gerenciado por estudantes da disciplina Gestão de Serviços de Informação da Licenciatura em Ciência da Informação da Universidade do Porto, Portugal.

O observatório tem por objetivo agregar informação e unir todos os que se sintam ligados à CI, proporcionar um ambiente dinâmico e privilegiado para partilhar oportunidades, incentivar e promover a área disciplinar e o profissional de Informação, potenciar e fortalecer um elo entre o meio acadêmico e o tecido empresarial/institucional.

O site do OCI está organizado nos seguintes temas: cooperar, capacitar, investigar, comunicar, ser profissional e ser empreendedor. Na aba “Cooperar” é possível encontrar informações sobre o programa Erasmus. Na aba “capacitar” está disponível as listas dos licenciados em Ciência da Informação Mestres em Ciência da Informação, Doutores em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, Comissões de Acompanhamento de Ciência da Informação e Portfólios ALUMNI. Na aba “investigar” está disponível as seguintes informações: links para artigos/Comunicações, dissertações de Mestrado, teses de doutoramento, eventos nacionais - CI U. Porto, eventos Internacionais - CI U.Porto, DeltCI - Dicionário Eletrônico de Terminologia em Ciência da Informação e Unidades de I&D. A aba “comunicar” disponibiliza informações sobre: a História da CI, Estatísticas, links para redes sociais, jornadas, galeria Multimídia, Newsletter NCI e links úteis. A aba ser profissional está disponível as informações sobre os profissionais formados na Licenciatura em Ciência da Informação e os seus locais de atuação, testemunhos dos profissionais, perfis do Profissional de Informação de referência e das variantes funcionais e Associações Profissionais. Finalmente, a aba “ser empreendedor” disponibiliza informações sobre programas e Concursos Nacionais e internacionais e empresários que atuam na área.

E-mail: ociuporto@gmail.com

Site: <<https://paginas.fe.up.pt/~lci/index.php/ociup>>.

Informação bibliográfica deste texto, conforme a NBR 6023:2002 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

RIBEIRO, Fernanda. A formação profissional em Ciência da Informação em Portugal: desafios e perspectivas. Entrevistadora Maria Aparecida Moura. Entrevista concedida em 25 de outubro de 2014. *Bibliotecas Universitárias: pesquisas, experiências e perspectivas*, Belo Horizonte, v. 2, número especial, p. 91-100, fev. 2015.

Recebido em: 22.11.2014

Aceito em: 17.12.2014